

HOMENAGEM

Caic do Paranoá, pioneiro no país, celebra 15 anos de atividades com festa simples. Antigos professores e ex-alunos dizem que a escola perdeu as características originais porque não investe em música e teatro

Sem ter muito que comemorar

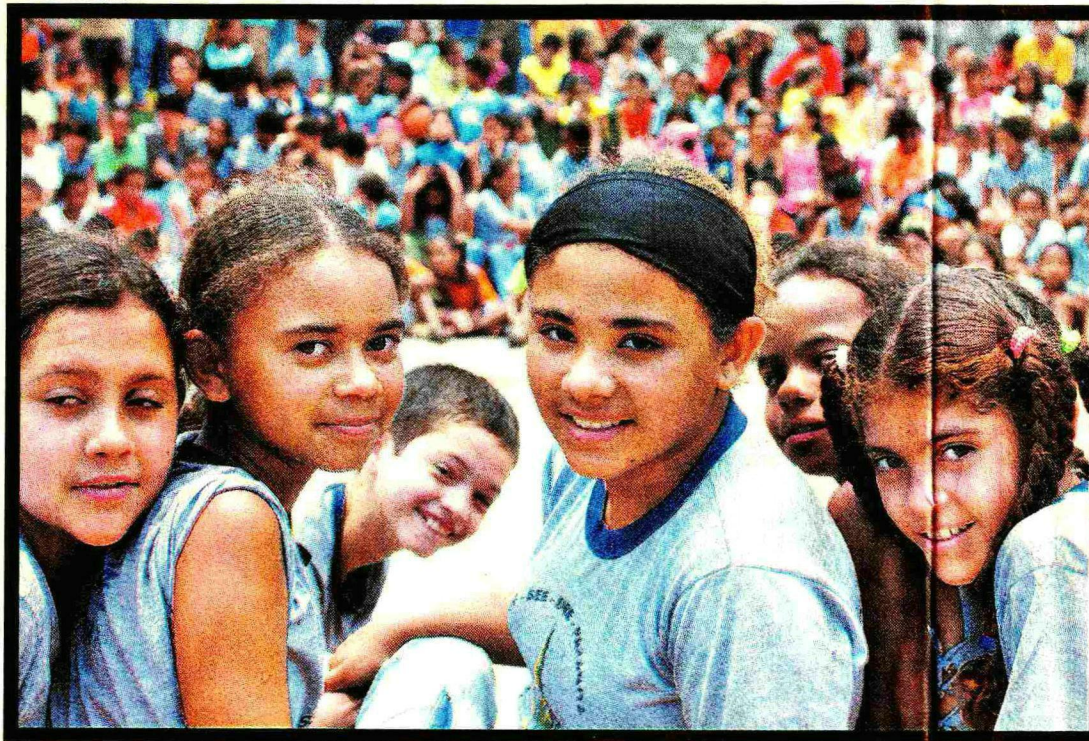
ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Na terra vermelha, do campo que um dia foi gramado, pés descalços, ou calçados com chinelos de borracha, correm atrás da bola — que tem o tamanho de uma bola de tênis. Ninguém se importa com o barro que suja a pele. As gargalhadas ecoam pelo ar na correria por minutos preciosos de brincadeiras antes que comecem as lições de português e matemática nas salas de aula. Nas escadas do teatro de arena, meninos e meninas sentados no piso de cimento áspero com cadernos debaixo dos braços e até espalhados pelo chão. Os olhos estão grudados no movimento ligeiro das mãos que tiram no par ou ímpar o direito de começar a virar as figurinhas na velha brincadeira do bafo.

Seria um dia como outro qualquer no Centro de Apoio Integral à Criança (Caic), no Paranoá, não fosse o aniversário de 15 anos da instituição, a primeira do país na versão do governo Itamar Franco. A manhã de ontem foi de festa para alunos e professores do Caic batizado de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus ou simplesmente Caic Santa Paulina. O “parabéns pra você” foi cantado ao ar livre por cerca de 500 estudantes da 1ª a 4ª séries. Num abraço simbólico, deram-se as mãos e rodearam a escola numa calorosa homenagem ao centro, cujo modelo original foi desenhado pelo educador Anísio

Marcelo Ferreira/CB



CERCA DE 500 ALUNOS DA 1ª A 4ª SÉRIES FESTEJAM ANIVERSÁRIO DO CENTRO NO TEATRO DE ARENA

Teixeira e assumido por Darcy Ribeiro, que o instituiu (**leia matéria ao lado**).

Ex-alunos apareceram para matar a saudade e contar com emoção aos novatos o quanto a instituição foi importante na formação deles. Outros ficaram sem palavras. A saudade não era apenas do tempo de criança mas também de uma escola que não existe mais. O vigilante Antônio Silva Pereira, hoje com 26 anos, lembra que chegava ao colégio pela manhã e só voltava para casa no início da noite. “Em

um dos períodos tínhamos aula normal. No outro, aconteciam as atividades de educação física, as oficinas de música e de teatro. Criança naquele tempo não ficava na rua, não. Era na escola”, contou. Violão nas mãos, ele ficou no centro do teatro e cantou *Pais e filhos*, do grupo Legião Urbana.

Amigas desde os sete anos de idade, Suelen Silva, Elisângela Oliveira, e Andréia dos Santos, todas com 16 anos, chegaram juntas. Sem discurso pronto e com palavras simples, falaram sobre a

importância da amizade e de fatos que marcaram a vida delas dentro e fora da sala de aula. “Quando entrei aqui (hoje) deu uma vontade de chorar danada. Lembrei do professor Valdir e do medo que eu tinha dele. Mas olha gente, ele tem essa cara feia, mas é muito gente boa viu?”, disse Andréia sorrindo.

Emoção

E os olhos do professor Valdir de Castro, que filmava tudo com uma máquina digital, se encheram de lágrimas. A história dele

se confunde com a de muitos alunos. Foi lá que um dia aprendeu lições que levaria com ele para toda a vida. E depois de tornar-se pedagogo, voltou para formar novos cidadãos. “Meu irmão estudava aqui e, por isso, eu tinha direito a participar das oficinas”, lembrou. Por conta própria e meio que por acaso, começou a registrar a vida escolar dos alunos. Hoje tem um arquivo com mais de 12 mil fotos produzidas sempre no primeiro e no último dia de aula. Cada aluno preenchia com respostas uma ficha com perguntas simples, como quem era o melhor amigo, do que mais gostava. No último dia de aula o ritual se repetia. “Aí confrontávamos juntos as imagens e os questionários. Desse modo eu mostrava para eles o quanto evoluíram”, explicou.

Atualmente a escola tem 1.350 alunos, de dois a 14 anos. A professora Maria de Jesus Costa Figueiredo, 43 anos, foi a primeira professora da escola. Nesses 15 anos o que mais lamenta são as perdas das atividades extracurriculares: oficinas de música, artes cênicas, plásticas e de artesanato, e as aulas de educação física. Com a voz baixa, mas firme, a professora Jesus, como é chamada pelos alunos, defende a importância da arte e da música para a formação das crianças. “Matemática e português são essenciais, mas despertar a sensibilidade nos alunos talvez seja ainda mais importante para a formação deles. Música e arte, as crianças deveriam tomar na mamadeira.”

Propostas desvirtuadas

Quando se resgata a história dos primeiros Caics, fica fácil entender o saudosismo de alunos e professores. Muitos deles acompanharam as mudanças que, aos poucos, modificaram a filosofia do projeto idealizado por Darcy Ribeiro na década de 80 e inaugurado no Rio de Janeiro no governo de Brizola. Chamava-se Centro Integrado de Educação Pública (Ciep). Na década de 90, Collor ampliou o projeto e trocou o nome para Centro Integrado de Atenção à Criança; depois, com Itamar Franco, virou Caic.

Apesar das trocas de nomes, a concepção dos projetos permaneceu a mesma da década de 80 até janeiro de 1995. Naquele ano o então presidente Fernando Henrique Cardoso acabou com a secretaria especial do Ministério da Educação que gerenciava os Caics. Essas instituições passaram ao domínio estadual e municipal. A maioria não manteve a proposta inicial, de oferecer aos alunos e à comunidade carente educação, esporte, cultura, lazer e atendimento à saúde, aproveitando apenas a estrutura física para abrigar alunos no sistema convencional. (AB)